



Director literario:
Augusto Lopes
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Juarez Valls
 PAPUSSE

PINTA-MONOS



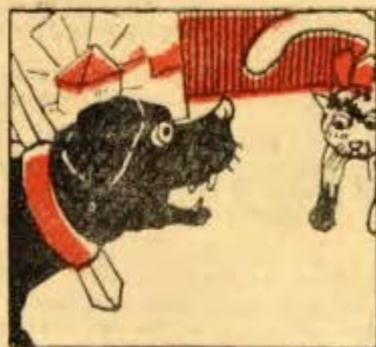
Certa bichaninha gata
 Vendo o seu dono que pinta...
 Resolveu meter a pata
 Dentro da lata da tinta.



Mas arrependida em breve,
 Pôs-se a esfregar o focinho
 E, de branquinha de neve,
 Tornou-se salpicadinha.



O dono que surge, então,
 Ao ver um gato tão feio,
 Vai chamar o seu Tição,
 Canzarrão de metro e meio.



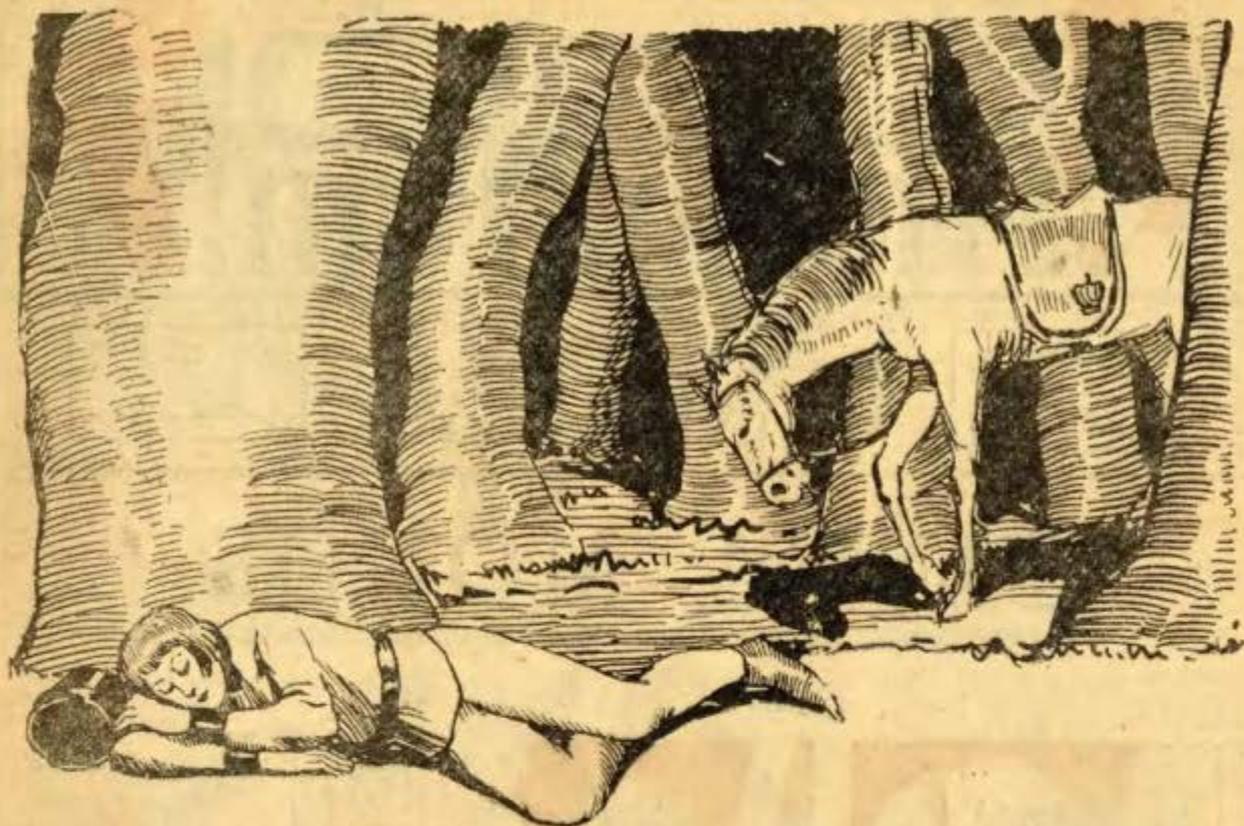
Embora sua amiguinha,
 Mas supondo que outra era,
 Sobre a pobre bichaninha,
 Avança como uma fera.



A gata, a tempo fugindo,
 Salta pró colo do dono
 Que fica lindo, tão lindo
 Como um lindíssimo môno!



Como a gata e certos donos
 —(Meninos tenham cuidado!)—
 Muita vez um pinta-mônos
 Quer' pintar, fica pintado!



O SUBTERRÂNEO FLORIDO

POR LUCILA SILVA ROSA
Desenhos de EDUARDO MALTA

Havia anos que o rei Escabed falecera. Sucedera-lhe seu filho Silo. Este príncipe tinha apenas dezassete anos quando assumira as responsabilidades do trôno.

Desde muito novo manifestára sempre as melhores qualidades de coração e de character, o que nêle fazia prever, de futuro, um rei justo e bondoso. E assim foi. Instruído como nenhum outro príncipe do seu tempo, Silo provia às maiores dificuldades do seu reino, com muito tacto e saber e, em poucos anos, o seu país, tornou-se rico e independente, pois o falecido rei, caprichoso e ambicioso, deixara o seu povo pobre e desmoralizado, em virtude das muitas e sucessivas guerras que sustentára com os reinos vizinhos.

Temia-se uma guerra civil no reino de Escabed, quando a sua morte providencial veio pôr termo a todos os desacôrdos e encher de contentamentos os partidários de Silo, que era adorado por todos.

Mal subiu ao poder tratou logo o novo rei de aliviar o seu povo dos pesadíssimos impostos, beneficiando-o em quanto lhe era possível.

As únicas distrações de Silo eram os bailes da côrte e as caçadas reais. Para estas eram convidados, além dos da côrte, todos os fidalgos do reino. Gostava o rei destas diversões e, no final, era a caça abatida distribuída pelo povo.

Apesar das instâncias dos seus ministros para que constituisse família, nunca o rei se decidira a acolher os seus conselhos. Nem as mais formosas princesas dos reinos vizinhos, como nenhuma das fidalgas do seu país, conseguira ainda fazer-lhe despertar o coração. Dizia-se até que não se casaria se não viesse a encontrar o ideal dos seus sonhos.

Havia, porém, alguns dias que o rei Silo se mostrava bastante apreensivo. Desta vez muda o nosso rei de estado, diziam, entre si, os cortezãos. Qual será a princesa dos seus sonhos?

Estava-se no mês de Setembro, a época em que mais caçadas se realisavam. O rei partira com a sua comitiva logo ao romper do sol; dirigiam-se para a floresta de Churbek, onde se dizia terem nitidamente aparecido alguns animais ferozes.

Atravessaram montes e vales; bateram toda a floresta, e não houve maneira de descobrirem os animais tão ansiosamente procurados.

Descoroçoado, resolveu o rei voltar para o palácio, quando Silo, passando por entre os da sua côrte, se internou na floresta. Anoitecia e algumas estrelas brilhavam já no firmamento, iluminando, fracamente, o caminho que Silo percorria.

Caminhava o rei de cabeça baixa: qual seria o objecto da sua meditação? Ninguém o saberia, por certo!

Assim andando, foi o Rei parar à Cova da Moura; era este lugar temido por toda a gente, pois compunha-se de uma grande cova rodeada por grutazinhas que uma espessa verdura encobria quasi completamente.

Dizia-se que, pela noite adiante, se ouvia a voz duma moura encantada, que guardava um palácio encantado também. Eis a razão porque ninguém se aventurava a aproximar-se da Cova da Moura.

Silo, porém, nunca ligára importância a esta lenda. Faticado como estava, amarrou o cavallo a uma árvore próxima e estendeu-se sobre a relva. Adormeceu profundamente.

De madrugada, acordou. Uma voz suavíssima, entoava uma bela canção dolente e saudosa. Ergueu-se o rei, e, elevado por aquela voz, foi-se aproximando das grutas.

Não havia dúvida, era de lá que a voz partia. Afastou a verdura de uma delas e entrou; mas não terminava aí a gruta e a voz parecia-lhe encontrar-se ainda bastante longe. Andando, andando, foi o rei ter a um subterrâneo cujas paredes eram revestidas de madressilva agora florida. No tecto deste subterrâneo havia umas pequenas fendas que lhe davam claridade e por onde algumas flores brotavam livremente. Um delicioso aroma se espalhava por este extraordinário subterrâneo.

Caminhou o rei por mais de uma hora; cantava agora de mais perto a voz.

De repente, termina o subterrâneo numa grande clareira, e Silo vê, extasiado, uma linda moura, sentada na grande escadaria dum maravilhoso palácio em mármore côr de rosa. Era ela quem cantava e, ao avistar o rei, pegou-lhe silenciosamente na mão, subiu com êle a escadaria e, por entre uma vistosa galeria de espelhos, levou-o a uma câmara cujas paredes eram forradas a sêda côr de rosa, com magníficos pavões bordados a matiz.

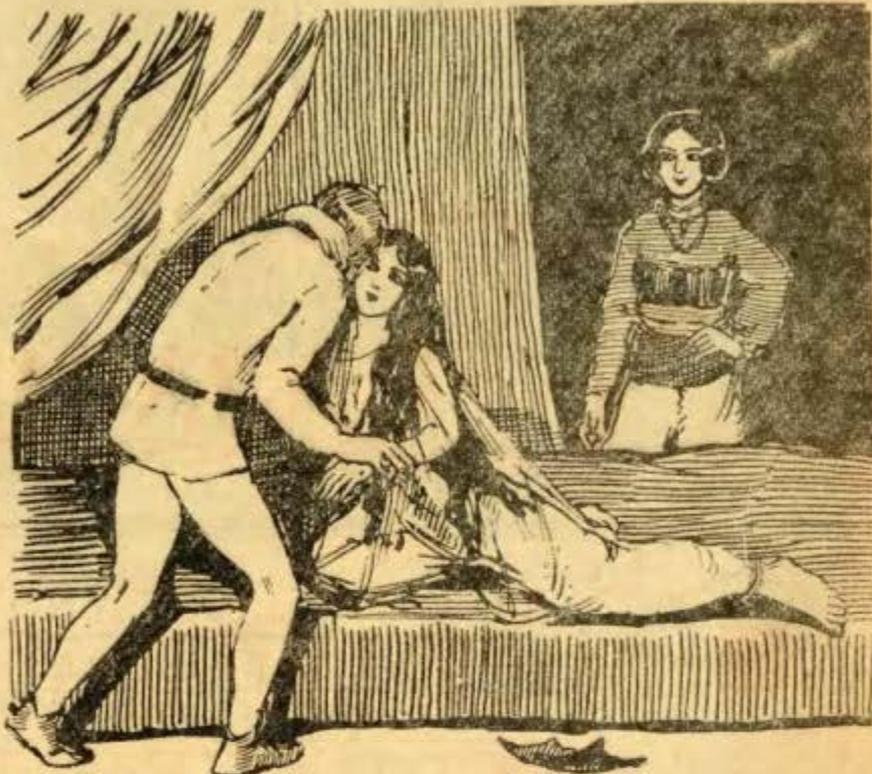
Côr de rosa era também o leito, assim como toda a mobília deste bonito aposento. Afastando os cortinados de tule rosa que guarneciam o leito mostrou a linda moura, a Silo, uma formosíssima mulher, deitada sobre um manto de fôfos arminhos. Vestia de gaze branca, e os seus cabelos, negros como azeviche, caíam-lhe em lindos caracóis por sobre o vaporoso vestido.

Beija-a, disse então a moura ao rei. Como por encanto a formosa mulher abriu os olhos, uns negros olhos, sonhadores, e sorriu-lhe, beijando-o por sua vez. O rei, então, perguntou-lhe porque se encontrava ali, tendo a guardá-la uma moura tão bonita.

Eu sou a princesa Azureia, disse a encantadora mulher, meus pais eram reis dos mouros. A rainha minha mãe, morrera quando eu nasci e foi minha madrinha, uma grande dama da corte, quem me educou sempre. Mais tarde, ela

apaixonou-se por meu pai e, como êle lhe dissesse que guardaria sempre o maior respeito à sua querida morta, minha madrinha feriu-o no que êle tinha de mais precioso: a sua filha. Encantou-me, dizendo-me: só acordarás no dia em que o mais formoso dos reis te beije.

A minha fiel criada Isohra, é que me tem guardado e foi



por minha madrinha intimada a cantar a sua canção dolente que, de madrugada te despertou e guiou no subterrâneo florido. Agora saíamos daqui, e leva-me para o teu palácio pois serei eu a tua companheira eterna.

Despertou enfim, o coração de Silo. Empolgou-o logo uma violenta paixão, e casaram daí a dias, indo passar a lua de mel para o palácio côr de rosa, onde se acumulavam, as mais belas preciosidades.

F I M

PARA ADORMECER MENINOS

POR GRACIETTE BRANCO

Foge, foge, Papão-feio,
que o menino é muito meu...
Vai a noite em mais de meio
e inda não adormeceu!

Meu menino... pende o rosto...
reza baixinho... de côr...
São Trindades, é Sol-pôsto...
dorme, dorme, meu amor!...

Deus, decerto, se enganou,
quando o meu filho nasceu,
porque um anjo me mandou,
e os anjos são só do Céu!...

Meu menino! Meu menino!
Altas horas, a dormir,
em que sonhas, pequenino,
quando te vejo sorrir?!,...

Dorme, dorme, que eu vigio,
tua fronte de cecêm...
Não há berço mais macio
do que um regaço de mãe...!



: NOVELA INFANTIL :

: Por MARIA ROSA RÉSEDÁ :

: Desenhos de EDUARDO MALTA :

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

— Depois, serei eu o Rei!... exclamou o anão, fazendo uma horrível careta de contentamento. O palácio e a cidade serão incendiados e assim poderemos saquear à vontade sem que nos incomodem. Todos aqueles que nos resistirem, serão massacrados sem dó nem piedade e depois seremos os senhores da cidade. Os nossos irmãos, que se encontram espalhados por todas as terras deste reino, ajudar-nos-hão a realizar o que tão ardentemente ambicionamos.

O anão, enquanto pronunciava estas palavras, parecia doido.

Gesticulava, fazia mil carêtas, toda a sua cruel pessoa vibrava de entusiasmo. Por fim acalmando-se continuou:

— Que esplêndida ideia teve o «Malhado» fazendo-se soldado do Rei. Parecia, porém, que nunca mais chegava a sua vez de fazer sentinela ao palácio. Confesso que já andava desesperado e por um pouco morria de impaciência. Felizmente chegou esse dia tão desejado, mais um esforço e todos se curvarão aos nossos pés.

Consultou um magnífico relógio de algibeira, cravejado de brilhantes e proseguiu:

— E' apenas uma e meia. Têm muito tempo ainda, porque, segundo disse o «Malhado», o Rei costuma deitar-se às duas horas. Portanto vocês só penetram no palácio às três; a essa hora já o monarca deve estar dormindo.

Naturalmente, só poderei lá aparecer mais tarde, pois tenho um importante trabalho a fazer. Não se preocupem comigo e deem logo mãos à obra. Assim que conclua o trabalho, o que talvez suceda mais depressa do que penso, lá irei ter. Agora ponham-se a caminho. Não esperar para casa do «Zarolho» e, logo que sejam horas, sigam para o palácio. Se...

— Porque não havemos de esperar aqui? interrompeu um dos bandidos. O «Zarolho» não é pessoa de confiança; é muito capaz de nos ir denunciar.

O anão empertigou-se; nos olhos vivos e maus fuzilou-lhe um relâmpago de cólera e crispando a mão no cabo do punhal, bradou:

— Ousas discutir as minhas ordens, mariola!... Quem manda aqui? Eu, eu e só eu. Vocês não têm mais do que

obedecer, que cumprir o que eu ordeno, sem reffilar, senão...

E a sua mão apertou mais o cabo do punhal. Lembra-te do que sucedeu ao teu companheiro Leandro que se atreveu a discutir comigo e se recusou a cumprir uma ordem que





lhe dei. A língua foi-lhe arrancada, os olhos vasados com setas, as mãos e os pés decepados e, por fim, após muitos dias de martírio, foi guilhotinado. Estás com vontade que te aconteça o mesmo?

—Mas... disse ainda o bandido, querendo desculpar-se, não foi por...

—Nem mais uma palavra, patife, rugiu o anão; se contínuas serás abatido como um cão. E agora retira-vos depressa. Por diante dos meus olhos passam núvens vermelhas; só vejo sangue e não tardará muito que este punhal se vá cravar no coração de alguém...

Num gesto magestoso, estendeu a dextra onde brilhava um enorme topázio queimado, de reflexos cor de fogo e os bandidos, inclinando-se humildes, beijaram o anel com respeito e retiraram-se silenciosamente.

O anão sorriu satisfeito. Aquele homem perverso e feroz, com um corpo de criança e uma cabeça de velho, tinha um poder extraordinário sobre os seus cúmplices. Pelo terror, pela lisonja e pelo dinheiro, fazia deles tudo quanto queria e se alguém se revoltava, passava por mil suplicios antes de morrer. Temiam-no, respeitavam-no e obedeciam-lhe cegamente, mas ao mesmo tempo odiavam-no, devido às crueldades que praticava.

Quantas vezes, na sombra, se haviam planeado atenções contra ele, que nunca chegavam a cometer-se porque alguém os denunciava sempre. Desconfiavam do «Zarólio», o dono de uma taberna próxima, braço direito do anão, mas o chefe protegia-o e eles nada podiam fazer. No seu esconderijo, «Farrusco» estava sobre brasas. Pensava na maneira de poder sair dali sem ser visto pelo anão. Cogitava, cogitava... porém nada encontrava que o satisfizesse. Entretanto, o bandido tinha tirado o cinto que parecia incomodá-lo e foi pô-lo sobre a tampa da barrica.

«Farrusco» não perdia um único dos seus movimentos. Viu-o aproximar-se do canto onde estava a caixa das ferramentas, levantar o braço e passar a mão cabeluda repetidas

vezes pela parede, como quem está procurando alguma coisa. Por fim os seus dedos carregaram num ponto mais saliente da parede e sob aquela pressão violenta abriu-se uma pequena porta, deixando à vista um enorme buraco.

O anão, com um sorriso de alegria, tirou lá de dentro duas garrafas contendo um líquido branco — água ardente — e uma grande caneca de barro. Pousou tudo no parapeito da janela e começou a açer e a esvasiar canecas sobre canecas para o seu estômago nunca saciado, dando pequenos estalidos com a língua e lambendo golosamente os beiços molhados.

Era aquele o grande trabalho que tinha que fazer!... Nenhum dos subordinados sabia da existência da bem fornecida frásqueira, distarçada na parede.

O anão, que queria ser respeitado e admirado, tinha o maior cuidado em esconder o seu vício e, só de noite, quando ninguém o observava, se dava a ele à vontade. Rápida como o relâmpago, uma idéia passou pela mente de «Farrusco». Ergueu-se muito de mansinho e agarrando no punhal que estava sobre a barrica, caminhou, pé ante pé, para o anão que, de costas voltadas, muito entretido na sua agradável ocupação, não dera por nada.

—Mãos ao alto!... gritou «Farrusco», brandindo o punhal. Com um salto, o chefe dos bandidos, voltou-se assustadíssimo e aquele movimento brusco fez com que se lhe escapasse das mãos a caneca, que se quebrou em mil pedaços. Irado, ia precipitar-se sobre o limpa-chaminés, mas estacou imediatamente, contido em respeito pelo punhal, cuja lâmina envenenada estava muito próxima do seu rosto. Embora cheio de receio, gritou para «Farrusco»:

— Quem és tu que ousas insultar o poderoso Anão Rui-vo? Como te atrevestes a penetrar nos seus domínios e a surpreender os seus segredos?

Merecias um grande castigo, porém nenhum mal te sucederá, se te retirares imediatamente daqui. De contrário, se me desobedeceres...



— Cala o «bico» anão de uma figa. Deixa-te dessa lenga-lenga que para nada serve, pigmeu do diabo. Com que então querias ser rei, grande mariola? Ah! Ah! Ah! Com essa cara de monstro e esse corpo raquitico, havias de fazer uma linda figura... Bem, deixemo-nos de conversa, pois não tenho tempo a perder. Vamos ao principal. Deixa cair os braços logo do corpo, assim...

Juizo, muito juizinho, se não já sabes... o punhal entra em função. Enquanto falava, «Farrusco» ia desenrolando a corda comprida e forte. Segurando com os dentes o cabo do punhal, começou a enrolá-la sólida e à volta do corpo do anão, apertando-a o mais que podia. Deixou-lhe apenas as pernas livres.

Quando acabou a operação, disse satisfeito:

Agora vais saltar para dentro daquela barrica, mas não te amofines que será por pouco tempo.

Foi buscar a cadeira que lhe pareceu mais sólida, pô-la junto da barrica e obrigou o anão a subir para ela.

— Vamos, — disse — mais um salto e ficarás livre de mim. Mas o bandido, espumando de raiva por se ver impotente, não parecia muito disposto a obedecer.

— Não ouvistes? perguntou «Farrusco» aproximando mais ainda o punhal do rosto do anão. Desconfio que estás com vontade que eu te faça um arranhãozinho, para ficares mais bonito! Hein, queres? A resposta não se fez esperar. Rapidamente o anão formou o salto e foi cair dentro da barrica. Para que ele depois não gritasse, «Farrusco» amordaçou-o com o seu próprio lenço e, por último, indo buscar um martelo e alguns pregos, pregou sólida e à tampa a barrica. Agora restava salvar o Rei. Desceu a escada a quatro e quatro, apagou a lanterna e, correndo como um gamo, desapareceu na escuridão da noite.

IV

Em seu palácio o Rei estava cheio de inquietação. Passava agitado pelo quarto com o rosto preocupado e olhar sombrio por causa de «Farrusco». Simpatizava deve-

ras com o garoto e sentia uma profunda admiração por aquela criança precoce que, apesar da sua pouca idade, não receava ir passar uma noite à Casa Misteriosa quando tantos homens que se apelidavam de valentes, convidados pelo monarca a desvendarem o mistério, como resposta haviam fugido cobardemente. E era inteligentíssimo o rapaz, disso é que não havia dúvida. As respostas acertadas, a maneira de pensar e o seu raciocínio não eram de uma criança mas sim de um homem. Além disso, tinha duas qualidades que o Rei muito apreciava: não era hipócrita nem intrujão, o seu olhar franco bem o demonstrava, nele reflectia-se a lealdade da alma e a bondade do coração. Mesmo as suas maneiras bruscas e as respostas rudes que às vezes dava, mas nunca grosseiras, não ofendiam ninguém. Defeito que não era para admirar devido à sua permanência constante entre gente humilde e ignorante, mas que facilmente se corrigiria.

O que era mais extraordinário era que, sendo filho de gente do povo, honrada mas humilde, não tinha aspecto ordinário, antes pelo contrário, toda a sua pessoa rescendia finura. Longe de o tornar grosseiro o seu fato velho e remendado mais lhe fazia realçar o rosto de feições corretas e finíssimas e a figura delicada e bem proporcionada. Parecia um fidalgo disfarçado em pobre. Cuidar da sua inteligência, educá-la com carinho, ministrar àquele espírito infantil a instrução e a cultura de que ele tanto necessitava, tirá-lo das trevas profundas da ignorância e fazê-lo subir, ascender, pairar nas esferas esplendorosas da sabedoria, era um gesto nobre e belo.

O Rei que não tinha filhos, pensava seriamente em adoptar «Farrusco» e educá-lo como um príncipe. Que lhe importava que nas suas veias corresse o sangue vermelho dos plebeus e não o azul dos aristocratas? Na sua opinião «Farrusco» valia mais do que muitos fidalguinhos soberbos, toleiros e egoístas cuja única preocupação era cuidarem da sua pessoa e só pensarem em divertimentos e folias. O monarca estava arrependidíssimo de ter consentido que o limpa-chaminés fosse passar a noite à Casa Maldita. Receava que lhe acontecesse o mesmo que tinha sucedido aos

outros e por isso não sossegava um momento, passeando constantemente pelo quarto, nervoso e febril. Abriu a janela e foi respirar o ar puro da noite, para o terraço. Fazia um pouco de vento e aquela aragem, pouco violenta, refrescava-lhe a fronte pesada e ardente, causando-lhe um enorme bem estar. Estava de tal maneira absorvido nos seus pensamentos que não viu um vulto pequenino, ágil como um macaco, escalar o palácio, o que não era difícil, porque as janelas de sacada, as colunas e as estátuas que guarneciam o palácio, eram um poderoso auxiliar para semelhante empresa. O monarca ia de novo recolher-se quando «Farrusco» saltando para dentro do terraço, murmurou baixinho:

— Muito boa noite, senhor Rei.

O soberano vendo-o são e salvo ia soltar um grito de alegria. Mas «Farrusco» adivinhando o que iria suceder, tapou-lhe rapidamente a boca com a sua mãozinha enfarruscada e, puxando-o violentamente para dentro do quarto, fechou imediatamente a janela.

— Pchii, senhor Rei! Por Deus fale baixo, pois não convém que nos ouçam. Já lhe vou explicar a razão porque assim procedo.

Em rápidas palavras, o limpa chaminés contou tudo o que se passara na Casa Misteriosa e o assassinio que queriam perpetrar.

— Não podemos perder tempo, senhor Rei. Vamos já avisar o oficial que vocecê deixou na sala do trono, e os bandidos quando vierem vão ficar admirados e «lisongeados» com tão brilhante «recepção» pois decerto não se julgam dignos de tamanha honra... São duas e um quarto, senhor Rei, e por isso será melhor levar daqui esta luz. Mas primeiro hei-de pregar uma partida aos senhores bandidos.

«Farrusco» agarrou no grande travesseiro do Rei e meteu-o dentro da cama, cobrindo-o depois completamente com a riquíssima colcha de damasco.

— Assim eles cuidarão que é vocecê que ali está deitado e havemos de nos escangalhar a rir com as caras de asnos que não-de fazer quando descobrirem o lógro.

O Rei não dizia uma palavra; apenas inclinava a cabeça em sinal de aprovação, cada vez mais encantado com a espertesa e o desembaraço do pequeno limpa chaminés.

Agarrando no pesado e rico candelabro de prata maciça, onde enormes velas iluminavam brilhantemente o aposento, «Farrusco» precedido pelo Rei, atravessou o corredor e entrou na sala do trono.

Pôsto ao corrente do que se passava, o oficial desembainhou a espada e ordenou aos soldados que estivessem a postos e atentos ao menor ruído. A seguir, «Farrusco» apagou as luzes e todos esperaram ansiosamente a chegada dos bandidos. O silêncio era completo, quebrado apenas pela respiração abafada dos que se encontravam na sala e pelo tic-tac do relógio de ouro, pôsto em cima do mármore do fogão. Mal as três horas soaram, ouviu-se um ruído de passos quasi imperceptível. Eram os bandidos que subiam a grande escadaria de mármore e ouro. No corredor surgiu a luz velada de uma lanterna; «Farrusco», que espreitava pelo orifício da fechadura, viu o soldado traidor abrir mansamente a porta do quarto do Rei e entrar seguido pelos bandidos. Virando-se para o oficial, o limpa chaminés disse-lhe algumas palavras ao ouvido e, depois riscando um fósforo, começou a acender as velas dos candelabros. O oficial abriu a porta da sala e, brandindo a espada, gritou com voz de trovão:

Vamos a eles, rapazes!...

Seguido pelos soldados, pelo Rei e por «Farrusco» que levava as luzes, penetrou no quarto como um furacão. Os bandidos rodeavam o régio leito e os punhais desciam lentamente, prontos a vibrar o golpe fatal, enquanto o «Malhado» os alumia, sorrindo sinistramente. Surpreendidos e aterrados não tiveram tempo de se defender. O oficial, apontando-lhes a espada, ordenou:

— Larguem os punhais e tirem as máscaras.

Imediatamente os punhais saíram sobre a alcatifa e as máscaras foram retiradas deixando ver uns rostos lívidos e exasperados.

Os bandidos estavam tranzidos de medo e, vendo-se perdidos, tentaram comover o Rei que, poucos minutos antes, queriam assassinar, caindo-lhes aos pés a pedir-lhe misericórdia e perdão. A resposta do monarca foi mandá-los encarcerar no «segredo» carregados de ferros e o «Malhado», o soldado traidor, foi imediatamente enforcado na cerca do quartel a que pertencia.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PARA OS MENINOS COLORIREM

